

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

ANA GLÁUCIA DA SILVA PINHEIRO

## **A Adaptação Literária para Jovens Leitores Brasileiros**

Análise da coleção “Abril Cultural: Clássicos adaptados da literatura infantil.”

Brasília- DF

2018

ANA GLÁUCIA DA SILVA PINHEIRO

## **A Adaptação Literária para Jovens Leitores Brasileiros**

Análise da coleção “Abril Cultural: Clássicos adaptados da literatura infantil.”

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras Português da Universidade de Brasília - UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia da Silva

Brasília – DF

2018

“A infância não vai do nascimento até certa idade. A certa altura a criança está crescida deixando de lado as coisas de criança. A infância é o reino onde ninguém morre.”

Edna St. Vincent Millay

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus, por ter me concedido a luz da vida e guiado meus passos durante toda a minha jornada. À Ana Claudia, minha orientadora, pelos ensinamentos e por disponibilizar sua maravilhosa coleção de livros. Também agradeço aos meus pais, Maria e Andrier, em especial minha mãe por ser minha maior fonte de inspiração pelo gosto da literatura e o apoio do meu pai, para que eu pudesse seguir estudando o que amo. Ao meu melhor amigo Ádler, pela parceria durante toda a graduação e o apoio emocional nos momentos mais difíceis. E por fim minha avó, a maior contadora de histórias que eu já conheci. Assim, dedico este trabalho a todos os que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, durante o meu período na universidade.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
1- O nascimento da literatura infantil.....	8
2- A literatura infantil diante a realidade da escola.....	12
2.1- A resistência da literatura na conjuntura escolar.....	14
3- As faces da literatura infantil no Brasil:Traduções e Adaptações.....	18
3.1- Quando “Mary” vira “Maria”.....	18
3.2- A literatura infantil adaptada e a formação dos leitores de clássicos.....	20
4- Análise da coleção “Abril Cultural: clássicos adaptados da literatura infantil.”..	23
4.1- Os autores.....	24
4.2- As obras.....	25
4.3- Os títulos e suas versões adaptadas.....	27
4.4- A tipologia textual.....	28
4.5- A linguagem verbal X A linguagem não verbal.....	29
4.6- Os adaptadores e tradutores.....	31
4.6.1 - Os Perfis.....	32
4.7- Edições.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

**RESUMO** : O presente trabalho tem como objeto de estudo a literatura infantil no Brasil, a partir de adaptações de obras estrangeiras. Uma breve introdução histórica apresenta a inserção da literatura infantil no contexto cultural da humanidade, revelando as primeiras adaptações necessárias para a abertura e ampliação do espaço literário para crianças na sociedade do século XVIII.

A pesquisa realizada levanta questionamentos cruciais para o desempenho da categoria literária em âmbitos escolares, e a resistência nas diversas conjunturas da realidade moderna.

A análise da coleção de livros “Abril Cultural: Clássicos adaptados da literatura infantil”, lançada durante a década de 70, pretensiosamente apresenta um levantamento de dados bibliográficos conferidos e analisados, que representam a identidade das obras existentes e a influência sobre a formação de leitores.

**Palavras – chave:** Literatura infantil, adaptações, coleção, crianças.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O surgimento da literatura para jovens e crianças na história da humanidade, representa o reconhecimento de uma classe antes marginalizada e impossibilitada de apreciar aquilo que lhe é destinado.

A invasão literária de livros infantis e adaptados nas livrarias brasileiras no final do século XIX, trouxeram a abertura necessária para a inserção dos jovens leitores brasileiros e a expansão do grupo de escritores interessados, na produção de narrativas infantis.

As adaptações e traduções por sua vez, propuseram um leque de leituras diversas, envolvendo leitores internacionais nas bagagens literárias das crianças leitoras da época, realizando assim inclusão multicultural de literaturas estrangeiras no país dos brasileiros.

Este trabalho aprofunda-se no estudo da evolução histórica literária infantil, desde seu berço europeu até as terras Tupiniquins, abordando aspectos importantes para a construção linear da história da literatura e explanando características responsáveis pela identidade das adaptações infanto-juvenis.

Também como parte do estudo, apresenta uma análise realizada sobre a coleção de livros infantis adaptados, “Abril Cultural: Clássicos adaptados da literatura infantil”, como forma de exemplificar a realidade literária no período de maior produção literária infantil no Brasil. A década de 70, mais conhecida como o período do “boom” das adaptações para narrativas infantis.

A partir desta perspectiva de investigações e análises, o presente trabalho tem por objetivo refletir acerca da introdução da literatura adaptada na formação de jovens leitores brasileiros, envolvendo interferências culturais, reações no âmbito escolar e influências promissoras que despertem o interesse para leituras mais avançadas.

## 1- O nascimento da literatura infantil

O papel da criança durante o início da trajetória humana, durante muito tempo esteve marginalizado diante os interesses sociais. A definição de infância surge na Europa apenas no século XVIII, quando a partir do desenvolvimento da modernidade, a burguesia começa a perceber as diferenças entre os sujeitos integrados no convívio social, de acordo com as suas necessidades específicas.

A criança sendo vista como um ser existente da sociedade desponta preocupações com a inserção deste novo perfil, no contexto da realidade e promovem adaptações seguidas de criações destinadas à categoria mais jovem. Assim, iniciam-se as produções voltadas para os interesses infantis.

Na literatura, a evidente ausência de textos com conteúdos direcionados às crianças, desperta entre professores e pedagogos a necessidade de produzir materiais que contemplem a capacidade cognitiva do público infantil. A partir de uma proposta pedagógica, atrelada a um caráter educativo convencional aos padrões sociais, atribuindo a criança uma preparação para a introdução ao meio adulto, perdurando até o desenvolvimento da psicologia e psicanálise infantil, quando se iniciam as produções com um teor lúdico.

As primeiras adaptações surgem através do francês Charles Perrault, século XVII, quando ele publica *Contos da Mamãe Gansa*, material coletado e adaptado a partir de textos clássicos e narrativas populares, inseridos neste novo gênero literário da época voltado ao público jovem.

Os contos de fadas conhecidos hoje como histórias infantis, na verdade, não foram escritos na intenção de atingir as crianças como seu público alvo. Eram contos e relatos circulantes entre os membros menos favorecidos da época, pertencentes à cultura popular, trazendo em seus enredos marcas e aspectos que caracterizavam a realidade daqueles que compreendiam um patamar social mais baixo. Onde a condição humana e as dificuldades desencadeadas pelos baixos recursos, predominavam em seus cotidianos e influenciavam suas histórias com conteúdos aterrorizantes.

Os adaptadores por sua vez, recolhiam estas histórias que eram transmitidas através da oralidade e a partir da escrita, criavam versões revestidas de ideais burgueses, fazendo conexão ao futuro público a quem a obra seria destinada.



Então produziam compilações transformando as histórias originais em contos e fábulas infantis.

No Brasil, a literatura infantil desponta inicialmente com traduções de obras europeias infanto-juvenis. Aparecem no final do século XIX alguns títulos como *Robinson Crusóé (1885)*, *Viagens de Gulliver (1888)*, *As aventuras do Barão de Munchhausen (1891)* e abrem portas para uma sequência de traduções e adaptações, dando destaque a nomes de tradutores como Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel.

É no século XX que a literatura infantil firma seu espaço em terras brasileiras apresentando narrativas inspiradas em modelos europeus, engajadas em ideias de noções políticas com abordagens moralistas, na intenção de influenciar o jovem leitor em sua formação cidadã.

Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança.

(LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p.34).

Olavo Bilac é um dos nomes que se destaca entre os escritores da época, inspirando o público jovem através de descrições nacionalistas das paisagens brasileiras e exaltando ideologias patrióticas. Obras como *Contos Pátrios (1904)* e *Através do Brasil (1910)*, são alguns exemplos produzidos pelo autor que trouxeram em suas narrativas, fortes influências à educação tradicionalista e ainda sem atingir uma linguagem adequada à compreensão dos mais novos.

Monteiro Lobato por sua vez, entra neste universo infantil com a intenção de inovar a oferta literária através de suas obras e adaptações, percebendo a adequação necessária à linguagem das crianças. *A menina do narizinho arrebitado (1921)* é publicada como o “abre alas” desta transição, porém ainda carregando sentimentos nacionalistas.

Contudo, ao contrário dos escritores ufanistas da época, Lobato estabelecia através de sua escrita a denúncia pela insatisfação diante a situação brasileira, em seus diversos aspectos. Ao invés da descrição esmerada da paisagem nacional, contrapunha a imagem do personagem subnutrido, em sua existência inerte e

precária na realidade brasileira. Jeca Tatu representa a denúncia do autor diante as questões sociais vigentes no país, lançando um olhar crítico sob as discussões abafadas pelas narrativas indianistas, de exaltação ao herói indígena, cavalheiro, inconsistente no cotidiano da vida nacional.

Embora o autor estivesse interessado no despertar social para a realidade brasileira, o público leitor não era receptivo quanto a este tipo de produção. Lobato fugia dos conceitos literários da época, em que a literatura era considerada como o “sorriso da sociedade”, como afirma Ligia Cademartori em sua obra *O que é literatura infantil*.

Bem distante do patriotismo “ama criança, a terra em que nasceste”, deformado pela pieguice que impede o confronto com a realidade, Monteiro Lobato escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional.

(Cademartori, 1986,p.49)

Já na metade da década de 40, em um mundo pós-guerra e um Brasil recém saído de sua primeira ditadura, as obras de Monteiro Lobato tornam-se impróprias a formação das crianças, consideradas nocivas à compreensão moralista dos jovens.

Os colégios de ordens religiosas proibem os alunos de lerem os livros de Lobato e então a literatura infantil é destituída de narrativas fantásticas, criativas e imaginação. Assim, inicia o declínio literário infantil brasileiro que agravou-se com a chegada da televisão ao país na década de 50.

Em 1960 nascem instituições e programas que pretendem impulsionar a leitura e traz a tona, discussões acerca da literatura infantil. A Fundação do Livro Escolar (1966) e Centro de Estudos da Literatura Infantil e Juvenil (1973), são exemplos das instituições criadas. Com a virada da década, em 1970 um número considerável de obras infantis e juvenis começam a ser editadas, representando para o Estado um investimento significativo em relação à população em idade escolar.

Os autores por sua vez, veem neste momento uma grande oportunidade de envolvimento no ramo literário crescente. Nomes consagrados como Cecília Meireles e Clarice Lispector, apresentam sua contribuição em exemplares infantis,

caracterizando assim, a diversidade de escritores brasileiros renomados e inúmeros títulos compreendendo a produção literária infantil brasileira.

Sob esta corrida pela produção literária para crianças, denomina-se a década de 70, como o “boom da literatura infantil no Brasil”.

O próspero desenvolvimento do segmento infantil nessa época resulta no prestígio do autor nacional e obras brasileiras vão se impondo, de acordo com a favorável condição política e econômica que influenciam à densa produção de livros.

Sob a “sombra” da modernidade durante o período dourado da literatura infantil brasileira, a inovação não se restringiu apenas ao sistema editorial da década de 70. Escritores acompanharam a adequação e modernização literária, amparados por um dos principais pioneiros criadores do movimento literário infantil no Brasil, Monteiro Lobato.

As exigências da contemporaneidade impulsionam os escritores a reatarem com as tradições de Lobato, aderindo suas características de escrita simples e de linguagem compreensível ao seu público alvo, consagrando as denúncias sociais através de temas que abordam assuntos entre a pobreza, marginalização e preconceitos. Autores como Odette de Barros Mott em *Justino, o retirante* (1970), dão o ponta pé a esta crítica contemporânea, que vai se ampliando gradativamente. Outros exemplos como *A casa da madrinha* (1978) de Lygia Bojunga Nunes e os *Meninos da rua da Praia* (1979) de Sérgio Caparelli, configuram a representação da marginalização e pobreza. Outros exemplos como *Os rios morrem de sede* de Wander Piroli, trazem a reflexão sobre a destruição da natureza; *Iniciação* (1981) de Mirna Pinsky trata de assuntos acerca da sexualidade.

A partir desta perspectiva de representações de realidade e denúncias sobre situações sociais, a literatura infantil brasileira, assume um tom de protesto, recebendo um crescente interesse de estudos acadêmicos e opiniões jornalísticas, produzindo reflexões capazes de desenvolver pensamentos críticos, imunes à submissão intelectual. Formando leitores independentes e fortalecidos, preparados para a concepção de mundo, desassociados de ideologias políticas e detentores do poder intelectual individual.

## 2- A literatura infantil diante a realidade da escola

*“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo”.*

*(Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981).*

A presença da literatura infantil na história da humanidade ocorre inicialmente como produção adaptada a um público jovem, recém integrado no meio social, representado por uma categoria específica da fase de desenvolvimento humano. A infância.

Como já se sabe, a literatura era utilizada entre as crianças como ferramenta pedagógica para a formação de bons cidadãos, através de leituras com efeitos moralistas e instruções ideológicas políticas. As histórias infantis e seu caráter persuasivo faziam alusões a direcionamentos convencionados sobre medidas comportamentais, influenciando o leitor em narrativas voltadas para a transmissão cultural. Tal cultura transmitida pelos meios literários possuía problemas de incoerências em relação à realidade dos leitores, uma vez que, a demanda social leitora das obras, compreendia uma parcela muito maior diante a quantidade mínima daqueles a quem as obras realmente deveriam ser destinadas, ou seja, os burgueses. As conversões escritas de contos folclóricos e histórias populares em contos e fábulas infantis carregavam em seus enredos adaptações culturais e simbologias de caráter burguês.

A ação educativa imposta nos livros infantis, inicialmente apareceu nos padrões literários dos títulos europeus e à medida que a literatura infanto-juvenil ia ascendendo, as influências educativas estenderam-se até as produções brasileiras, trazendo o nome de Monteiro Lobato como seu principal precursor.

Associada ao âmbito escolar, a literatura infantil ganhou maior destaque sob a concepção de que a leitura é capaz de formar bons cidadãos, pois o enredo das obras aborda temas sociais discutidos em sala de aula, que encaminham para reflexões de experiências reais.

De acordo com Ligia Cademartori, a literatura infantil possui maior valorização diante o sistema educacional em relação ao seu sistema de origem, o literário:

Historicamente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. O sistema literário é uma espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar.

(CADEMARTORI, Ligia. 1986, p.5)

Assim levantam-se questionamentos encorajados entre críticos, pedagogos e pesquisadores, acerca da “face” representativa do papel da literatura na sociedade infantil brasileira. Afinal, é para formar ou se divertir?

Começando pelas escolas brasileiras, onde ainda acredita-se que a literatura funciona como veículo transmissor de ideias moralistas e excelente condutor de influências formadoras de caráter, utiliza a leitura como forma de impor conhecimento à custa de métodos avaliativos. É nas salas de aula, onde impera a famosa leitura por obrigação, em que a comprovação de que o aluno seguiu as ordens do professor e das normas escolares consiste na aplicação de uma prova, atestando o conhecimento a partir da leitura que fora sugerida. E infelizmente esta proposta contribui para o distanciamento entre livro e leitor, reforçando a imagem negativa da leitura a partir da noção errada, deturpando a intenção de como introduzir a literatura na realidade do aluno.

Estudos apontam que encaminhar a leitura através da “força”, não apresentará resultados positivos, quando o objetivo é conquistar a atenção de uma criança ou adolescente. Esta fase de principiantes representa momentos de instabilidade psicológica, estágio em que o sujeito encontra dificuldades em estabelecer uma concentração contínua. É preciso dedicação e persistência por

parte do professor, que deve estar a favor do enriquecimento intelectual do aluno, como ser crítico e esclarecido, advindo da imaginação e fantasia, proporcionando capacidade de inferir através de uma obra, compreensões entre certo e errado, ou ainda desenvolver a independência sobre diferir qual livro é melhor para si.

Ainda é preciso colocar em evidência, a relevância da influência da bagagem literária do professor como papel de orientador do leitor principiante. É preciso uma cumplicidade entre o profissional de ensino e seu material de apoio, para oferecer uma base literária que corresponda às necessidades do aluno. Pois a ausência deste preparo - em estar familiarizado com o contexto de ensino -, implica no prejuízo do trabalho mal desenvolvido, sendo que, antes de indicar um título a um leitor iniciante, é preciso preparar o território a este novo explorador do universo da imaginação.

A partir dessa ideia, percebe-se que não é apenas a criança quem necessita de um compromisso com a leitura, o professor deve estar precavido quanto às leituras que lhe cabem, aquelas de maior profundidade, para estar preparado diante as circunstâncias ao ministrar conteúdos para o público leitor mais jovem.

## **2.1- A resistência da literatura na conjuntura escolar**

Na atual competição desafiadora entre a leitura e os diversos meios interativos que atraem a atenção da criança, cabe ao educador como mediador principal à inserção literária, saber investir em qual método facilitará a conquista do interesse infantil pela leitura. Despertar a motivação adequada para a descoberta do prazer no ato de ler é um ato heroico perante as adversidades da realidade escolar. Tendo em vista a luta diária do educador – isso quando há interesse da parte do mesmo –, muitas vezes é preciso transgredir as orientações do sistema que insiste em uma ideologia antiquada e retrógrada sobre o conceito de ensinar.

A maior incoerência em uma aula de literatura é levantar questionamentos acerca de “mensagens”, que delineiam respostas pré-estipuladas por livros didáticos que comandam as atividades engessadas sobre um intelecto programado. Ninguém

deve ser obrigado a ler, mas também ninguém deve ser impedido de expandir suas escolhas e opiniões acerca do texto lido.

Respeitar a criatividade da criança e aceitar o seu julgamento fundamentado naquilo que ela recebeu da narrativa e aplicou ao seu contexto intelectual, influenciado pela sua cultura e pela sua visão de mundo, é um dos primeiros passos para a demonstração da sua capacidade em interpretar uma história e lhe oferecer conforto naquele primeiro contato com o universo da literatura. Deste modo, ela desenvolverá interesse em novas interpretações e testará cada vez mais sua competência em novos textos indicados, o que acarretará em uma criança leitora, que enxergará os livros pelo aspecto literário e não pela leitura de obrigação, mas pelo ávido prazer de ser uma leitora assídua, que não fará leituras mecânicas e automáticas, devorando páginas descontroladamente sem saber ao certo o que está realmente lendo, propagando um hábito de leitura estética, “lendo por ler”, mas será conhecedora de clássicos e autores renomados.

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

(FREIRE, 1982, p. 12)

Seguindo a perspectiva de compreensão da face literária de um título, Paulo Freire, em sua obra *A importância do ato de ler*, cita a memorização mecânica como erro de leitura, na tentativa de fixar o que foi lido. Sob um olhar embasado na experiência de literatura escolar, esta prática aliada às facetas da modernidade, corrobora a dificuldade do aluno em absolver o conteúdo transmitido pelo o que está sendo lido.

Se permitir a sua livre compreensão da leitura é uma forma de conquistar o seu interesse pelo livro, ensiná-lo a ler mergulhado na narrativa e conectado ao objetivo

de compreender o que está sendo lido, aprendendo a não decorar apenas para marcar na prova, também é permitir que ele entenda a real função da leitura e que se necessário, outras tentativas de analisar melhor e aprofundar seus conhecimentos sobre determinado título, serão possíveis.

Assim, a cada releitura novas informações sobre a narrativa podem estar sendo extraídas, e esta pode ser uma maneira de habituar-se ao ato de ler, pois para entender o livro como objeto literário, é preciso adaptar-se a literatura.

Também não se deve escurecer a importância do livro em si, como principal artimanha na busca pela conquista do hábito de ler. Pois além de desconstruir a imagem negativa da leitura associada apenas a aspectos informativos, o professor pode trazer para a sala de aula, títulos escolhidos sob critérios que coincidam com as exigências de seus alunos leitores.

Muitas vezes o que ocorre entre as escolhas dos professores é a preferência pelos autores de pouca oferta ao mercado infantil, apenas por ser uma personalidade renomada e conseqüentemente, esta escolha resulta em uma experiência fracassada.

É preciso ter um esclarecimento prévio sobre a demanda atualizada do público infantil e trabalhar com o que está em predominância nas prateleiras das livrarias, esquecer os preconceitos elitistas - dando relevância somente a obras eruditas - e incentivar a partir do que a criança gosta, é encaminhá-la para patamares mais altos de leitura, já que partindo de um exemplar de 30 páginas, é possível que a criança desenvolva interesse por títulos mais aprimorados.

Sob a compreensão de que é preciso adaptar o universo literário da criança, é contribuir para a sua bagagem intelectual que possivelmente no futuro, resultará em uma perspectiva positiva, pois ela será submetida a um processo de desenvolvimento da imaginação enquanto jovem, o que auxiliará em suas experiências de vida, influenciando em suas escolhas e subsidiando seu crescimento.

Contudo é importante que o tutor literário de uma criança esteja sempre atento a leitura dos pequenos, averiguando os conteúdos transmitidos pelos títulos



em contato e cientes ao desempenho intelectual dos mais jovens. Pois é comprovado que o livro transmite boas ideias, porém existem exceções.

### 3- As faces da literatura infantil no Brasil: Traduições e Adaptações

Graças à tradução, no fim do séc. XIX foi possível inserir na literatura brasileira os primeiros exemplares infantis, ampliando a oferta ao público jovem e em seguida inspirando autores para a criação de obras nacionais.

Não somente no âmbito literário, a tradução possibilita a incorporação entre culturas de diversos países, viabilizando a interação social e política, favorecendo em assuntos econômicos e conseqüentemente resultando no fenômeno intercultural denominado globalização.

#### 3.1- Quando “Mary” vira “Maria”

Referente à literatura, pesquisando sobre a desenvoltura da tradução no Brasil, percebe-se uma escassez de estudos voltados ao âmbito literário infantil.

De acordo com *Lajolo e Zilberman (2007)* circunscrever a história da literatura infantil no Brasil, necessitou de recortes entre os cem anos de literatura:

Por consequência, deixamos de levar em conta os textos produzidos que, majoritários ainda na década de 70, são absolutamente fundamentais para uma história da leitura infantil brasileira.

(LAJOLO E ZILBERMAN, 2007. p, 10)

Deste modo, os estudos e pesquisas tornaram-se fragmentados, investigando por épocas e tratando de produções, cujo movimento julga de maior relevância as obras nacionais. Afinal, o “boom” da literatura infantil no Brasil, se deu com a participação de escritores brasileiros, consagrados, visando à promoção de seus trabalhos em um período em que a categoria disparava nas vendas pelo país.

Para representar essa equipe de tradutores da época, Clarice Lispector destaca-se apresentando traduções de vários autores como Wilde e Verne.

Embora seu trabalho lhe rendesse um bom desempenho, Lispector demonstrava certa preocupação quanto à desenvoltura da tradução de uma obra. Em *Traduzir procurando não trair* (in. *Revista Joia*, n. 177, maio de 1968), a autora revela algumas reflexões acerca da fidelidade de uma tradução em relação à originalidade do texto-fonte, e as adaptações necessárias – em caso de expressões originárias da língua – quando é impossível manter o significado autêntico.

Nota-se que a pouquíssima ou quase inexistente abordagem aprofundada da tradução nesta categoria de texto, remete a uma ideia de despreocupação por parte do mercado editorial, levando em consideração a real condição da qualidade defasada no trabalho realizado com as traduções de obras infanto-juvenis, na contemporaneidade brasileira. Pouca pesquisa e profissão (tradutor) pouco valorizada, em terras brasileiras, resultam no comprometimento da credibilidade do produto já que a desvalorização do profissional da tradução acarreta na desmotivação do mesmo e reflete na ineficiência do trabalho. Gerando assim, produções traduzidas por meios clandestinos (internet), ou ambiciosos do ramo que extrapolam a capacidade da realização do seu trabalho e usam de técnicas que “resumam” o artifício do tradutor, na tentativa de produzir em ritmos de fábricas obras que distanciaram em maior grau da coerência com a obra original.

Sob este ponto de vista, a tradução infantil brasileira, parece ser um mercado promissor e lucrativo em relação a aparente simplicidade do trabalho. Porém, a tradução literária infantil exige mais experiência e competência, diante a modesta compreensão de dois ou mais idiomas. Se levado a sério o trabalho com o conteúdo para crianças, necessita de uma capacidade especializada.

É preciso qualificar-se para compreender a linguagem – não apenas em sentido de idioma - de um universo delicado e habilmente saber convertê-lo para uma comunicação adaptada, compreensível ao leitor jovem e possivelmente fiel ao contexto de origem.

Ainda sobre a qualidade das traduções no Brasil, há a influência do tradutor quanto a sua fama em meio à praça tradutora, e o nome da obra circulante no mercado editorial. Tradutores mais jovens e com menor comparecimento, são escolhidos para traduzir títulos seletos da preferência infantil. Isso por serem menos

divulgados, estes profissionais possuem maior tempo disponível para manterem compromisso com o material, realizando um trabalho bem feito e garantindo seu prestígio diante a sociedade de leitores, tradutores e críticos.

Entretanto, a obra traduzida, verdadeiramente nunca será idêntica à obra de origem – não só por conceitos e princípios, mas principalmente por aspectos linguísticos entre idiomas (sintáticos, lexicais e geográficos) -, porém a partir do trabalho de torná-la legível no idioma da criança receptora daquela narrativa, um empenho em transferir através das palavras, aspectos culturais de um país e convencená-los a outro, contribui para o progresso do intelecto infantil, e essa transmissão de informações adaptadas, ocasionará em uma melhor compreensão de mundo e agregará as suas experiências de vida.

### **3.2- A literatura infantil adaptada e a formação dos leitores de clássicos**

Com a chegada das traduções de obras literárias europeias ao Brasil e os avanços da modernidade, deram início ao reconhecimento de jovens e crianças na sociedade brasileira e oportunamente os direcionamentos das produções literárias, tomaram como objetivo a inclusão do público em idade escolar. Mas as traduções íntegras da época, demonstravam incompatibilidade à capacidade intelectual dos pequenos.

Com o surgimento das obras clássicas e os fantasiosos contos de fadas importados do mercado europeu, pesquisadores e tradutores brasileiros viram a promissora oportunidade de estabelecer uma comunicação com o leitor infantil e juvenil. Visto a novidade do mercado literário brasileiro, deram início as primeiras adaptações na literatura infantil.

A presença da adaptação literária no âmbito infantil brasileiro merece o reconhecimento, de impulso necessário para o fortalecimento da literatura para crianças. Porém, para uma adaptação bem feita, compete ao adaptador a realização de um trabalho elaborado com seriedade e um comprometimento rigoroso quanto ao alcance da compreensão do leitor jovem.

Os elementos que compõem a estrutura da obra adaptada, tais como: a narrativa, personagens e o enredo, devem estar harmonizados e compactuando do mesmo objetivo que compreende a experiência intelectual na infância.

Entretanto, a existência da versão adaptada de um clássico, requer o conhecimento prévio de que outro exemplar pré-existente constitui a narrativa original, permitindo a conscientização do leitor acerca da natureza da adaptação lida.

Em *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*, Ana Maria Machado (2002, p. 15.) defende a importância dos títulos literários considerados clássicos e a sua imortalidade ao longo do tempo: “É livro eterno que não sai de moda”.

Assim como Ítalo Calvino, que em *Porque ler os clássicos* (2007, p.9), afirma: “1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: Estou “relendo”... e nunca “estou lendo”.

Sob estas declarações de exaltação aos clássicos pelos autores citados, subentende-se o valor que esses exemplos possuem para a existência da literatura, por isso deve-se ressaltar a proximidade verossímil de uma adaptação diante o seu texto-fonte.

Sobre as adaptações, Ana Maria Machado acentua a relevância da leitura das obras adaptadas que promovem a simplificação dos clássicos para a idade infantil e conseqüentemente, o encaminhamento direcionado para a leitura da obra original.

A função da leitura em proporcionar maior facilidade de compreensão, permite ao leitor extrair a “mensagem” dedicada à formação intelectual e sobrepor à observação superficial da leitura. A partir desta perspectiva sobre o encaminhamento entre clássicos, compreende-se a mediação de uma versão adaptada para uma versão original, promovendo uma ideia de enriquecimento acompanhado de maturidade intelectual atribuída ao indivíduo. Pois é com esta transcendência literária, que se preocupam os críticos quanto ao trabalho do adaptador.

Embora este seja o resultado esperado, induzir aqueles que são monolíngues à leitura de um texto original ou traduzido, é conquistar a confiança de um leitor

encorajado a desbravar novos universos entre as narrativas já conhecidas. Pois como já dizia Calvino: “4. Toda leitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.” (CALVINO, 2007, p. 11).

É por isso que deve ser exigida uma produção aprimorada, o que nem sempre acontece. Já que em muitas situações, a obra adaptada não satisfaz a quem lhe é endereçado ou por falta de interesse mesmo, torna-se suficiente uma leitura mais inocente definindo a primeira experiência como a leitura original. Sendo assim, torna-se visível o cuidado que a adaptação literária infantil demanda.

Sua função de introduzir o público jovem ao universo literário, é de longe uma das mais vantajosas. Porém, necessita de inspeções competentes, à ação de formar leitores enriquecidos com a contemplação dos cânones da literatura. E esquivar-se de sujeitos empobrecidos com a satisfação de uma leitura “primitiva”.

#### **4 - Análise da coleção “Abril Cultural: clássicos adaptados da literatura infantil.”**

Este capítulo destina-se a apresentação de uma análise, feita a partir de um levantamento realizado entre uma coleção de livros da editora *Abril Cultural*, em que suas narrativas constituem-se em versões traduzidas e adaptadas dos clássicos juvenis europeus, para o público jovem brasileiro.

Entre os 50 exemplares da coleção, destacam-se títulos como *A volta ao mundo em 80 dias*, *Robin hood* e *Oliver twist*. Autores brasileiros consagrados pela crítica e detentores de prêmios renomados, aparecem como adaptadores responsáveis pelas versões lidas por muitas crianças das últimas décadas do século XX.

Esta e outras coleções publicadas ao longo da construção da literatura infantil brasileira, representam a veracidade da existência de um público leitor, na época das grandes produções literárias infantis comercializadas pelo mercado brasileiro.

Publicadas durante a década de 70, período do “boom literário infantil brasileiro”, os livros estão organizados em uma diversidade de autores, adaptadores e tradutores brasileiros e apresentados ao público jovem, sob uma estética detalhada de cores variadas e concretizadas a partir de um material resistente.

Entre os livros da coleção apresentam-se versões adaptadas de uma ou mais edições entre os anos de 1972 e 1973, a venda e divulgação dos títulos nas bancas de jornal e revistas da época ocorreu apenas a partir do ano de 1975. Já a aquisição dos livros, foi feita entre os anos de 1975 e 1976.

Sob o ponto de vista pessoal em relação ao estado de conservação da coleção adquirida através de um empréstimo é possível inferir uma experiência afetiva e pedagógica, construídas ao longo da leitura dos livros. A preocupação em manter a caracterização dos vestígios históricos que pertencem aos exemplares - etiquetas de preços e anotações para identificação dos anos de aquisição dos livros -, apenas comprovam a importância dada a esta coleção.

A seguir, apresentam-se dados coletados a partir do levantamento bibliográfico realizado em torno dos títulos que constituem a coleção investigada.

#### 4.1- Os autores

A identificação das obras, depois dos seus títulos em versão original e traduzida ou adaptada, foi considerada a partir dos nomes de quem as escreveu.

Os volumes apresentam os nomes de seus autores, identificados nas capas, abaixo dos títulos e em fonte de menor tamanho.

Entre os nomes dos autores identificados na tabela organizada para levantamento de dados, destacam-se nomes como Vitor Hugo, Julio Verne, Charles Dickens e Homero. Autores responsáveis por títulos de conhecimento universal e narrativas seculares em versões literárias, apresentados através da coleção, a partir de suas adaptações simplificadas.

Autores em sua maior parte concentrados à geografia europeia e americana, pertencentes à cultura ocidental, expondo seus conhecimentos de mundo e crítica histórico-social, através de narrativas fantasiosas e conceituadas.

Correspondentes da Europa e América do Norte, o levantamento bibliográfico constatou uma formação de autores diversificados em suas culturas e nacionalidades. Sendo onze franceses, onze norte americanos, sete britânicos e representantes excepcionais distribuídos entre suíços, italianos, irlandeses, escoceses e russos.

Pioneiros na formação de gêneros literários, como Julio Verne, considerado o primeiro escritor de ficções científicas, inspiraram jovens leitores ao longo do tempo e posteriormente, influenciaram escritores admiradores de seus feitos literários.

Quanto aos nomes femininos, foram identificados na seleção de autores da coleção da editora Abril, autoras como Anna Sewell, Louisa May Alcott e Mary Mapes Dodge, que se distinguem entre o grupo predominantemente formado por personalidades masculinas. As narrativas femininas não tão conhecidas assim, trazem em algumas histórias a presença de seres marginalizados, como em *Beleza Negra* de Anna Sewell, que a partir da convivência contínua com o trabalho de um cavalo, resolve escrever sobre a dura experiência do animal, tão desprezado aos



olhos do homem. Sob a perspectiva de Anna, infere-se a crítica da autora acerca da voz oprimida do ser menosprezado por ser irracionalizado.

#### **4.2 – As obras**

As obras apresentadas na coleção analisada compartilham da disponibilidade de propagação de um conteúdo narrativo permitido à versão adaptada. Tal seleção assume caráter social que visa a transmissão de um material apropriado para a infância.

Histórias orientadas por aspectos minuciosamente tracejados, em um horizonte literário incorporado em características lúdicas contribuem para a criatividade jovem a partir das narrativas constituintes da coleção infanto-juvenil, que por sua vez, enaltecem questionamentos e reflexões acerca do desdobramento dos fatos e assim se desenvolvem no enredo dos livros.

Personagens mágicos, animais falantes e heróis destemidos, construídos a partir de uma imaginação engatada na contramão da coerência tangível da existência humana, representam a construção da realidade utópica, que por sua vez, baseia-se na experiência verídica de situações cotidianas e assumem posições concebidas, a um desejo imaginário do criador daquele universo materializado em palavras.

Grande parte das narrativas investigadas nesta coletânea foram originadas em contos folclóricos ou mitologia cultural europeia. Compreendem um perfil de invenções e adaptações sucessivas, advindas da transmissão oral e da transição cultural com o passar do tempo.

Entre os títulos levantados aparecem exemplos conhecidos, como *Mil e uma noites* que aborda a proposta de contos populares e uma narrativa pluralizada, alimentando a expectativa do leitor em relação a variedade de histórias contidas em uma só obra. A presença da caracterização oriental implantada na história, atribuem aspectos inovadores ao leitor assíduo de literatura infantil ocidental, principalmente em relação à oferta europeizada.

Entretanto, a leitura de *Mil e uma Noites* em versão adaptada, adere rupturas com o contexto árabe principalmente em aspectos linguísticos, para garantir uma compreensão convencional ao leitor do lado ocidental da fronteira.

Sendo a literatura infantil o marco inicial da independência da criança – em relação ao âmbito literário - quanto a forma de pensar e a aquisição do seu próprio conceito de mundo, obras que por sua vez trouxeram informações mais realistas, começaram a aparecer para integrar as coleções destinadas aos pequenos.

Em *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, o autor traz a luz da compreensão infantil as peripécias de um garoto “levado”, exibindo um padrão totalmente contrário aos textos pedagógicos que carregavam significados de moral e disciplina em meio as narrativas.

Tom Sawyer é um menino esperto e cheio de artimanhas, que confrontam a boa conduta indicada para uma criança exemplar da época, destituindo o ponto de vista infantil monitorado pela imposição adulta.

O contexto pedagógico que orienta as demais narrativas é esquecido por Mark Twain, que apresenta um personagem engenhoso e livre dos “conceitos” sociais, sobre como se portar adequadamente. Tom Sawyer preocupa-se em escapar das consequências de seus atos sendo um garoto hábil e esperto o suficiente, para induzir aqueles que o cercam a fazer suas obrigações em seu lugar.

Mark Twain não foi o único a trazer entre as páginas de sua obra o enfrentamento infantil diante as opiniões esmagadoras dos adultos. Lewis Carroll é um dos exemplos que devem ser citados em seu familiar *Alice no país das maravilhas*, colocando em evidências os confrontos de Alice diante as personagens adultas e moralistas.

Personagens “birutas” e “desajeitados” arrematam em suas essências, as nobrezas liberais confrontadas diante as consistências da sociedade. Uma quebra de paradigmas que contribuem para a aceitação da imagem distorcida do personagem, como representação de uma realidade diferente de virtudes já rotuladas.

Portanto, a coleção apresenta a contribuição pedagógica e literária em diversidade de títulos, entre adaptados ou traduzidos que contribuem naquilo que chamamos de experiência literária, fonte para formação de opinião e orientação independente do conhecimento de mundo imposto pela grande maioria da sociedade.

#### **4.3- Os títulos e suas versões adaptadas**

Na realidade das obras adaptadas, existe uma desconfiguração de títulos, muitas vezes de caráter funcional, referente ao nome original que a narrativa carrega quando batizada pelo seu escritor.

A tradução encarrega-se de aproximar a correspondência de significados o máximo possível, para não ocorrer dificuldades de identificação ao leitor interessado em recorrer ao texto fonte quando for preciso. Porém, a versão adaptada pode recorrer a uma “descaracterização” convencional, para uma correspondência de compreensão ao público destinado. Muitas vezes, atendem a esta alteração de significados devido a aspectos culturais vigentes naquele país, o qual a obra será encaminhada.

Sobre o levantamento bibliográfico desta coleção analisada, foi perceptível a inexistência de alterações drásticas em relação aos títulos originais das obras.

A fidelidade da tradução e adaptação aplicada nos títulos dos exemplares é fiel a caracterização do texto fonte, respeitando assim a intenção original do autor em relacionar a narrativa ao título dado, como fonte de identificação ao seu trabalho realizado.

Esta perda de originalidade da obra atribui desvalorização ao título, confluindo para o desfavorecimento da identidade do autor e da narrativa em si. Sendo assim,

muitas vezes ocorre de uma mesma obra ser lançada em diversos países com nomes diferentes e muitas vezes, capítulos reinventados dependendo da intenção de quem o traduzir ou adaptar, desviando a essência literária daquilo que foi escrito pela primeira vez, pelas mãos de seu criador. Entretanto, deve-se entender que de acordo com os aspectos socioculturais, “diplomacias” literárias não são compreendidas como deveriam.

#### **4.4 - A tipologia textual**

Entre os cinquenta volumes levantados para a análise bibliográfica, considerou-se a heterogeneidade narrativa, devido ao diverso oferecimento, de exemplos narrativos para um leitor em formação, familiarizar-se com o quantitativo existente em sucessivos estágios literários.

Para o levantamento que constitui a análise é preciso orientar-se pela tipologia textual da fonte original. Entre textos ingleses, escoceses, alemães e russos, deve-se levar em conta a classificação do autor, como influência principal, a característica da narrativa identificada entre lendas, novelas, tragédia, comédia ou drama.

Entre os quantitativos levantados, identificou-se de acordo com as fontes originais, 41 romances diversificados entre narrativas constituídas de histórias de aventura e um exemplar foi identificado como poema épico.

O romance concentra o tipo textual mais adaptado para as versões infantis no mercado brasileiro. Embora na análise em questão, o romance literário não apresente um caráter homogêneo, os enredos assemelham-se em perspectivas narrativas que compartilham a dinâmica desenvolvida entre as páginas das histórias. O leitor por sua vez consegue identificar nas viagens dos personagens, a busca do objetivo principal, que definirá todo o desenrolar da história ao longo da leitura.

Títulos como *As viagens de Gulliver* e *A volta ao mundo em 80 dias*, trazem o caráter aventureiro e fictício entre as páginas que desenvolve a construção da

história e demarcando seus territórios, no universo da literatura e nas prateleiras das livrarias.

Autores como Julio Verne e Johnatan Swift, enalteceram seus nomes, à medida que suas obras inspiravam leitores do mundo inteiro e repercutiam suas referências aos escritores posteriores, que vieram nas décadas seguintes. Daí surgiram oportunidades de existências para as obras que mais tarde aclamaram e reacenderam a chama da juventude literária.

#### **4.5 - A linguagem verbal X A linguagem não verbal**

Ao folhear um livro que carrega em suas páginas uma narrativa de teor infantil, observa-se a inclusão de aspectos visuais que caracterizam as obras destinadas ao público mais jovem.

Essa característica inerente as produções literárias para crianças e adolescentes, possui um significado muito maior que uma simples marca distinta para a identificação da categoria. A ilustração literária carregada pelos livros infantis, possui caráter pedagógico e informativo para a interpretação do leitor em desenvolvimento cognitivo.

O auxílio lúdico das imagens contribui para a compreensão do leitor acerca daquilo que está sendo transmitido pelas palavras. A análise da criança sobre a ilustração da cena que está sendo lida - por ela mesma ou por alguém -, aguça a criatividade infantil e influencia na experiência vivida pela memorização dos traços pertencentes a aquela imagem, incentivando ao hábito de imaginar personagens e cenários para leituras futuras.

Assim, muito se ouviu falar entre professores e adeptos de formações mais antiquadas, sobre a conexão entre a literatura de qualidade e a ausência de imagens, independente da faixa etária, construindo sobre essa “estigma carrasca” a aversão pela literatura aos menos esclarecidos. Sendo que esta ideia equivocada contraria as medidas educativas de cunho psicopedagógico, propagando opiniões negativas e experiências falhas.

A ilustração literária anexa às páginas das narrativas dão sustento e apoio ao iniciante literário, proporcionando interação com o meio e oferecendo um desenvolvimento baseado em uma preparação independente.

Lev Vygotsky confirma o amparo necessário à criança quanto a este questionamento: “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.” (VYGOSTKY, 1984, p. 84.).

Levando em consideração esta discussão sobre a leitura de imagens, a coleção analisada representa a incorporação ilustrativa no material das obras. As adaptações analisadas carregam imagens que complementam o desenvolvimento narrativo, a partir da perspectiva de concretizar a representatividade das ilustrações e levar o leitor a reflexão do sentido implícito naquela imagem.

As imagens que constituem as obras da coleção Abril Cultural, apresentam aspectos detalhistas e traços perfeitos diante a capacidade humana. Os desenhos referentes a narrativa, são todos em preto e branco e variam de acordo com a técnica de cada ilustrador que compõe a obra.

São representações que variam entre aspectos mais escuros e pesados, porém mais definidos e próximos da realidade, ou ilustrações mais claras e vivas, com composições mais amplas e menos detalhadas.

A variedade dos desenhos atribuem identidade a obra, como em *O Corcunda de Notre Dame*, coincidentemente a ilustração carrega traços menos perfeccionistas e uma representação de cenário mais obscura. Em *Robison Crusoe* o ilustrador atribui uma imagem mais clara e limpa, trazendo simplicidade e uma percepção de primeiro plano. Quanto a *Capitão Tormenta*, uma ilustração em particular apresenta uma representação peculiar e grotesca, se analisada sob a cautelosa noção de que é um exemplar destinado a crianças.

Assim, percebe-se a partir desta análise o papel aditivo da imagem para a interpretação da escrita. São artifícios necessários para a completude da obra, não que seja uma regra, porém uma percepção ideal para a interação do leitor com a literatura, graças ao ilustrador com sua ação de mediar a compreensão de uma

leitura e favorecer aos interessados no crescimento da literatura infantil e os benefícios advindos através da prática de leitura.

Portanto, a ideia propagada de forma errada sobre o olhar negativo acerca das ilustrações, deve ser esquecida. A imagem e a narrativa devem andar juntas neste contexto do imaginário infantil e colaborarem para a resistência da literatura. E principalmente inovar os aspectos ilustrativos exigidos pelo mercado, agregando conceitos e originalidade aos trabalhos realizados.

#### **4.6- Os adaptadores e tradutores.**

Os adaptadores e tradutores desta análise merecem o devido prestígio por tornarem a coleção Abril Cultural, o primeiro contato de um leitor jovem com a literatura infantil adaptada, perdendo o mérito principal, é claro, apenas para os escritores das versões originais das obras.

Os adaptadores são conhecidos por mediar a inserção do jovem na leitura dos clássicos infantis e responsáveis pela tarefa de reescrever as obras literárias, para a compreensão dos leitores mais novos. Os adaptadores realizam a árdua tarefa de aproximar a realidade do texto de origem ao texto reescrito, conhecido como “adaptado”.

Estas adaptações envolvem uma série de fatores que distanciam o contexto literário entre uma obra adaptada e uma obra original, consistindo em incoerências linguísticas, culturais ou até mesmo de faixa etária.

Os tradutores e os adaptadores trazem para o contexto literário a globalização de narrativas, em que entre ocidente e oriente é possível transitar exemplares da literatura infanto-juvenil. Porém, esta circulação literária entre sociedades contemporâneas, ainda não são tão disponíveis quanto parece. Divergências políticas, incompatibilidade cultural e intolerâncias religiosas, manipulam a ação do tradutor ou adaptador que precisa equilibrar seu trabalho e adequar às exigências do seu público. Sendo adaptador de literatura infantil então, os cuidados mantêm atenção dobrada.

Quanto a coleção analisada, a seleção de adaptadores e tradutores compreende uma lista de homens e mulheres, brasileiros natos, em sua grande maioria, responsáveis por possibilitar a inclusão literária infantil na bagagem de conhecimento de muitas crianças, entre as décadas de 70, 80 e 90.

#### 4.6.1 Os Perfis

Segundo o levantamento realizado, identificou-se um total de 38 adaptadores e tradutores responsáveis pela realização da adaptação/ tradução, dos 50 volumes da coleção Abril Cultural.

Constatou-se entre os 50 volumes da coleção, a predominância de trabalhos individuais por parte dos adaptadores e tradutores.

Quanto as nacionalidades, confirmam entre os 38 adaptadores e tradutores a origem brasileira. Exceto dois nomes levantados, Clarice Lispector e Tatiana Belinky, nascidas na Ucrânia e Rússia respectivamente, porém integrantes do corpus da literatura brasileira.

Dos 38 nomes levantados, 20 são mulheres. Figuras conhecidas como Clarice Lispector e Myriam Campello representam a ala feminina entre os tradutores e adaptadores da coleção.

Clarice Lispector aparece em três exemplares, todos como adaptadora. *Viagens de Gulliver* é um dos títulos sob a responsabilidade de Lispector, para a coleção Abril Cultural.

Tatiana Belinky, escritora contemporânea da literatura infantil brasileira, também integrante do time feminino da coleção analisada, aparece apenas uma vez, como adaptadora responsável pela obra *Raptado*, de Robert Stevenson.

Myriam Campello, romancista e vencedora do prêmio Fernando Chinaglia, é citada três vezes por contribuições de adaptação e tradução entre os exemplares. Em *O capitão Fracasso*, Myriam responsabiliza-se pela tradução da obra.



Já entre os homens, identificam-se nomes como Monteiro Lobato, Origenes Lessa e Aguiar Macedo. Distribuídos entre traduções e adaptações, estes fazem parte de um grupo responsável por títulos mais conhecidos entre a sociedade leitora.

Monteiro Lobato integra a coleção aparecendo três vezes durante o levantamento de dados. O escritor e tradutor brasileiro apresentam seu trabalho, através da tradução de *Tom Sawyer* e *Alice no país das maravilhas* e ainda *Alice através do espelho*.

O romancista e ensaísta membro da ABL, Origenes Lessa, atribui seus feitos a coleção, adaptando a obra de Cervantes, *Dom Quixote*. Sua participação é única e individual.

#### **4.7 – Edições**

Um dos papéis desempenhados pela editora é realizar a mediação social da obra e auxiliar na divulgação promovendo seu trabalho através de autores, adaptadores, tradutores, publicidade e etc. Nesta coleção a editora Abril apresentou uma seleção de autores e autoras, renomados pelos seus trabalhos e conhecidos pela experiência.

A partir do levantamento bibliográfico da coleção Abril Cultural: Clássicos da literatura juvenil, verificou-se as edições das versões adaptadas e observou-se uma predominância de edições únicas, ou seja, apenas uma versão para grande parte dos títulos foi lançada.

Entre os 50 volumes da coleção, apenas três exemplares foram editados duas vezes, são eles: *O conde de Monte Cristo*, *As aventuras de Tom Sawyer* e *Dom Quixote*.

Todos publicados entre os anos de 1971, 1972 e 1973, compreendendo a maior parte das publicações no ano de 72, justamente a década que compreende o boom da literatura infantil no Brasil, autenticando o provável sucesso da coleção durante a época de lançamento.

A análise estética do material produzido para a edição analisada e encaminhado às bancas de revistas e jornais da época, concluiu a intenção atrativa de um trabalho coerente quanto as exigências do público alvo.

Utilizando de aspectos incorporados a ideia de um produto destinado a uma criança, cores vivas e diversificadas integram os elementos visuais que chamaram a atenção de muitos interessados durante o período de vendas, este e outros pontos estratégicos, contribuíram para o desempenho de edições que sucederam as demais que foram produzidas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre literatura infantil brasileira e suas adaptações, trazem a tona através da formação de um percurso histórico o contexto cultural, composto de influências européias que marcaram as construções literárias sucessoras, aos contos de fadas criados por Perrault.

A trajetória da literatura adaptada no Brasil surge com o empenho de Monteiro Lobato em transcrever uma narrativa voltada para a compreensão cognitiva da criança e facilitar a comunicação entre leitores e autores, no decorrer do diálogo literário.

Ao atravessar as fronteiras escolares, a literatura infantil assume um papel pedagógico e instrutor voltado para a formação do caráter da criança. A preocupação dos escritores da época em transmitir através de suas narrativas moralistas, uma orientação para a noção entre certo e errado, utilizando de personagens e situações que demonstram aquilo que está intencionado em expor, deturpa a verdadeira essência da literatura para crianças.

Entretanto, com este estudo pode-se inferir a contribuição realizada pelas adaptações de literatura infantil na realidade brasileira e a profusão de conteúdos propagados através das narrativas adaptadas, possivelmente incentivam ao jovem leitor ao desenvolvimento literário, promovendo interesse à novas obras que sequenciam seus enredos para compreensões mais avançadas e influenciando o desenvolvimento do leitor.

Sendo assim, conclui-se a partir da análise bibliográfica da coleção infantil “Abril Cultural” que, a quantidade de produções realizadas no auge da implantação da literatura infantil brasileira, favoreceu a muitos leitores que se envolveram nessas narrativas adaptadas e encaminharam-se para leituras mais complexas durante a transcendência de categorias literárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZILBERMAM, Regina. LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: História e histórias. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo : Cortez, 1981.

ZILBERMAM, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1987.

CADEMARTORI, Ligia. O que é literatura infantil. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.

1 ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 2002.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. Trad: Nilson Moulin. 2ª reimpressão. Edição de bolso. Companhia das Letras, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FORMIGA, Girlene Marques. Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil. Disponível em:

<<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/6203>>

Acesso em: 18/ 05/ 2018.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Revista Contexto & Educação, [S.l.], v. 23, n. 79, p. 47-63, maio 2013. ISSN 2179-1309. Disponível em:

<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>>.

Acesso em: 20/ 05/ 2018.